



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT2 Africanidades e Brasilidades em Educação

**DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS E A RECONQUISTA DE
UM PARAÍSO: UM CONVITE À LITERATURA AFRICANA**

Maikely Teixeira Colombini¹

Renata Aparecida dos Santos²

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão acerca de uma prática pedagógica no Ensino Médio. O objetivo é desconstruir estereótipos que marcam a realidade sociocultural africana, tendo como ponto de partida a conferência da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. A partir do aporte teórico que considera a experiência do narrador, sujeito que em muito se aproxima do contador de histórias orais (BENJAMIN, 1994), e o respeito aos saberes do educando (FREIRE, 1996) serão analisadas produções textuais dos alunos.

Palavras-chave: Chimamanda Ngozi Adichie, desconstrução de estereótipos, experiência do narrador.

¹. Mestra em Letras – Estudos Literários, pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professora substituta de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Espírito Santo, *Campus* Ibatiba. E-mail: maikelycolombini@ig.com.br

². Pós-Graduada *Lato Sensu* em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua portuguesa e da literatura, pela Faculdade Castelo Branco (FCB). Professora de Língua Portuguesa e Diretora de Ensino do Instituto Federal do Espírito Santo, *Campus* Ibatiba. E-mail: renata.santos@ifes.edu.br



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio foram elaboradas a partir de profusa discussão e o grande desafio do professor é preparar os seus alunos, de maneira ética e consciente, para que estes possam participar ativamente de uma sociedade como a nossa. A aprendizagem deve ser contínua e o professor deve buscar o estímulo à revisão de práticas pedagógicas, em busca da melhoria do ensino.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio incorporaram no estudo da linguagem os conteúdos de Literatura, que, para além das elaborações linguísticas usuais, pode garantir, a partir da prática de leitura literária, o exercício da liberdade. Segundo Osakabe (2004), se pensada, a função maior da Literatura, em se tratando do ensino médio, é ser um grande agenciador do amadurecimento sensível do aluno. A ideia é formar alunos cômnicos da realidade, críticos e menos preconceituosos.

É preciso ratificar a importância da presença da Literatura, em seu sentido *stricto sensu*, no currículo do ensino médio, tendo em mente que trata-se de um modo discursivo que não deve ser orientado pela práxis utilitária. A literatura possibilita, entre outras coisas, educar a sensibilidade e atingir um conhecimento que não é científico, mas é tão importante quanto.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96 (LDBEN, 1996) consta que dentre os objetivos a serem alcançados no ensino médio está o aprimoramento do educando como pessoa humana, o que inclui a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. Não é por meio da sobrecarga de conteúdos com informações sobre épocas, características de escolas literárias, estilos, etc., que os alunos desenvolverão as competências necessárias para se formarem leitores literários. A experiência estética possibilita apropriar-se do texto literário de maneira efetiva.

A Literatura ocupa nos currículos escolares uma posição secundária, dada a realidade da educação em nosso país e muitas questões têm sido levantadas: Afinal, existe um conhecimento literário a ser transmitido pela professora e/ou



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

professor de Literatura? Caso haja, que tipo de conhecimento é esse e como ele vem sendo ensinado?

Muitas vezes, a Literatura está diluída na disciplina de Língua Portuguesa e esta ainda é ensinada com ênfase no aspecto normativo da língua. Apropriar-se de textos literários para neles reconhecer somente recursos gramaticais revela uma incoerência, já que a própria Literatura caminha em posição oposta a normas linguísticas impostas à comunidade pela gramática tida normativa.

A preocupação do professor de Literatura em relação ao seu aluno deve ser com a experiência de leitura do texto literário propriamente dito, explorando o caráter extrínseco e intrínseco da obra literária. Cabe assinalar que o desejo dos jovens pela leitura em um contexto de desvalorização é um grande desafio, mas um desafio possível se privilegiarmos a experiência da prática de leitura em sala de aula mobilizando nos alunos o envolvimento emotivo, fantasioso e racional. Os alunos precisam reconhecer na Literatura um veículo de formação intelectual e de sensibilidade, permitindo-se envolverem emocionalmente com os textos literários.

Levando em consideração que o ensino de Literatura é possível, o trabalho em questão propõe uma reflexão acerca de uma prática pedagógica realizada em uma turma de 4º ano do Instituto Federal do Espírito Santo, *Campus* Ibatiba. Um dos objetivos da aula foi apresentar a escritora Chimamanda Ngozi Adichie (Abba, estado de Anambra, 15 de setembro de 1977).

Chimamanda Ngozi Adichie cresceu na cidade universitária de Nsukka, no sudeste da Nigéria. Ela ficou conhecida na internet após ter um trecho da sua palestra “Todas deveríamos ser feministas” usado na música *Flawless*, da cantora americana Beyoncé Giselle Knowles-Carter. A conferência proferida pela escritora para a fundação TED também foi um sucesso da nigeriana na internet. Trata-se do vídeo “O perigo da história única” que, somadas as várias versões encontradas pela web, conta com milhares de visualizações.

Como já dito, o primeiro contato dos alunos com a literatura africana se deu a partir de Chimamanda, uma das mais importantes jovens anglófonas. Os alunos assistiram a conferência “O perigo de uma história única” de forma sistematizada



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

e responderam algumas questões com a supervisão da professora. As perguntas referiam-se a pontos-chave da palestra proferida pela escritora nigeriana e ajudou os alunos e alunas na recriação de uma linha de raciocínio que foi construída por Chimamanda. Os estudantes liam as questões, entregues em material impresso pelo professor e, em seguida, assistiam com atenção ao vídeo.

Em um primeiro momento, os alunos tiveram que responder questões que diziam respeito à história única dos livros: Que livros a escritora lia na infância? Como essas leituras se refletiram em sua escrita de menina? Qual a conclusão a que ela chega sobre a vulnerabilidade das crianças em relação às histórias lidas por elas? O que a descoberta dos livros nigerianos trouxe de novo para Chimamanda?

O segundo ponto-chave da conferência dizia respeito à história única sobre a família de Fidê. Como a escritora foi apresentada à família de Fidê? Que história única ela conhecia sobre essa família?

A ida de Chimamanda Ngozi Adichie para os Estados Unidos da América, quando completou dezenove anos de idade, e a história única sobre a África dizia respeito ao terceiro ponto-chave da conferência. Qual era a história única sobre a África que a colega de quarto norte-americana de Chimamanda conhecia? Segundo a escritora, qual a origem dessa única história da África?

As questões levantadas no quarto ponto-chave da conferência, que diziam respeito à história única sobre o México foram as seguintes: Qual a história única sobre o México conhecida pela escritora? Como a autora afirma que se cria uma única história?

No quinto ponto-chave, que diz respeito à história única e o poder, os alunos tiveram que refletir sobre a seguinte afirmação de Chimamanda: “Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazer a história definitiva daquela pessoa.”

A questão levantada no quinto ponto-chave dizia respeito aos estereótipos e o professor pediu aos alunos que, tendo em mente o trecho da palestra em que



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

a escritora nigeriana afirma “A única história cria estereótipos”, eles escrevessem o que entendiam por estereótipos.

Para finalizar, no que dizia respeito às consequências de uma única história e a postura que deve adotar o leitor, os alunos tiveram que refletir e responder às seguintes interrogações: Qual é a consequência de uma única história, segundo a autora? Que exemplos ela cita para defender seu argumento? Qual deve ser a postura do leitor/receptor das histórias únicas?

Em linhas gerais, na conferência, Chimamanda Ngozi Adichie fala sobre a importância das histórias. Além disso, é possível pensar a relação entre o nosso imaginário e o poder. Para estender o debate, a professora sugeriu aos alunos que refletissem sobre como a história única cria, reforça e mantém os diversos preconceitos em nossa sociedade. Essa proposta vai ao encontro da Literatura como fator indispensável de humanização, como assinala Antonio Candido (1995, p. 249).

Pensar a experiência literária é considerar o contato efetivo com o texto literário; no entanto, na experiência empírica em questão, os alunos não tiveram esse contato efetivo. Mesmo assim, eles puderam, a partir de uma conferência, conhecer uma escritora nigeriana que tem atraído uma nova geração de leitores de literatura africana e refletirem sobre o perigo de uma história única. Em sala, os alunos puderam debater sobre as várias histórias únicas que nos cercam e como elas promovem os preconceitos existentes na sociedade. Chimamanda Ngozi Adichie revela a experiência do narrador, sujeito que em muito se aproxima do contador de histórias orais (BENJAMIN, 1994).

A Literatura, quando possibilita ao leitor experimentar uma sensação de estranhamento ou mesmo de experiência – construída a partir de uma troca de significados –, cumpre o seu papel, uma vez que tende a ampliar horizontes. Cabe ao professor persistir no desafio de dotar o educando da capacidade de se apropriar, de fato, da Literatura, respeitando, é claro, os seus saberes (FREIRE, 1996).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Em texto que se intitula “Que África escreve o escritor africano?”, o escritor moçambicano Mia Couto vai refletir a relação do escritor com a África, pensada em sua diversidade. Ele fala da necessidade da obra literária e do autor passarem por uma prova de identidade (autenticidade), uma vez que a produção africana é, constantemente associada como algo do domínio antropológico ou etnográfico.

Chimamanda Ngozi Adichie, em sua conferência, recupera um paraíso com a “dignidade perdida”. Inúmeras são as versões da história e acreditar em uma história única é perigoso; aliás, é preciso admitir que quando reconhecemos que não há uma única história reconquistamos um tipo de paraíso, já que a única história cria estereótipos. Segundo Homi K. Bhabha (1998, p. 105), o estereótipo é “uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre no lugar, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido...”, ou seja, trata-se de uma figura discursiva que vai trabalhar com o conceito de fixidez. Cabe aqui problematizar que, para alguns, ter várias histórias não é o paraíso, pois é por meio de uma única história que muitos países conseguiram construir relações de exploração e submissão em relação a outros; ela é o paraíso apenas para aqueles que buscam espaços democráticos.

É importante divulgar as obras de autores africanos, no entanto, muitos são os desafios. *A priori* é complicado pensar em uma saída para os escritores africanos que tiveram que resolver a questão da imposição da Língua Portuguesa. Em *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador* (1977), Albert Memmi assinala que escrever na língua do colonizador é uma saída, apesar de o bilíngue colonial não dominar totalmente duas línguas. Isso explica, de certa forma, porque algumas literaturas colonizadas nascem tão lentamente. Para Albert Memmi, o esgotamento natural da literatura colonizada e a possibilidade do escritor decidir-se a pertencer totalmente à literatura metropolitana, deixadas de lado questões éticas, também se apresentam como duas outras maneiras de se resolver esse problema que aparentemente parece incontornável.

A problemática questão da língua no continente africano revela que não foi fácil para muitos escritores resolverem esse impasse. Como bem pontuou Manuel



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Rui, no fragmento de ensaio “Eu e o Outro”, a identidade do colonizado manteve-se, pois muito sabidamente o colonizado incluiu o colonizador em seu texto. Ele inventou, criou e das armas do colonizador se susteve. Fragmentos deste texto mostram que é possível pensar na imposição colonial e na sua relação com a Linguística, uma vez que tudo estava nos seus conformes, inclusive o texto oral, até que o colonizador surge e violentamente destrói tudo o que vê pela frente (o texto na dança, na oralidade, nos rituais).

Para Albert Memmi, só a língua permitiria ao colonizado retomar seu tempo interrompido, reencontrar sua continuidade perdida e a sua história. A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie desconstrói estereótipos que marcam a realidade sociocultural africana e também os alunos são convidados a contar uma história. A professora sugeriu que eles relatassem um caso vivido ou conhecido de história única e contassem também como mudaram de opinião ou, se ainda não mudaram, como pretendiam mudar. As produções textuais dos alunos foram apresentadas para a turma. Seguem algumas produções:

Desde o “não é conveniente você frequentar tal lugar”, até o “esses macumbeiros agem de má fé”, passando pelo “somente nós, cristãos, seremos salvos”, contornando os “que gente esquisita e mundana”, chegando finalmente ao “amai ao próximo como a si mesmo”, a contradição do discurso vem à tona.

Prega-se contra a intolerância, abomina-se qualquer expressão de ódio, prioriza-se a caridade, a compreensão e o que vemos? A inversão. Inversão da oratória, o tempo todo. Frases repetidas, entoando essa irrisória... história única. Aprendemos o que dizer e maldizer sobre as religiões, num Brasil de tantas faces. As missões jesuíticas permeiam nossos ouvidos, como há 500 anos. O resto é engolido. Nesse “resto” estão nossos índios e negros, a capoeira criminalizada, o candomblé camuflado, o guarani “selvagem” de arco e flecha, catequizado. Nesse “resto” também



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

entram os descrentes, mundanos ou insanos, como queiram chamar, a todas essas delinquências humanas.

E nesse íterim de discórdia só é possível mudar nossas opiniões quando temos espaço para pensar e falar. Precisamos abrir o leque e nos permitir conhecer nossas próprias raízes. Raízes que nos constroem dia a dia, mas que deixamos de sustentar por ignorância e medo da transformação (ALUNO X, 2015).

No caminho tinha uma pedra. Muitos associam essa oração a uma máxima poética ou a um erro comum de escrita. Contudo, no caminho havia uma pedra caída, manchada de sangue, depois de ser atirada por alguém contra uma menina trajando as vestimentas de sua religião, do candomblé.

Esse episódio pode parecer triste ou, até mesmo, incômodo para você, caro leitor: branco, classe média, heterossexual e cristão ou evangélico. Entretanto, ele é comum e é um crime, de baixo interesse da massa e justificado como correto por muitos. Se não batem a sua porta, não é problema seu, certo?

O preconceito, nesse panorama, ultrapassa a esfera religiosa. Ele está ligado às origens dessa religião, vinda com os africanos sequestrados nos fundos dos navios negreiros para o Brasil. Entendida como “coisa de preto” e “de macumbeiro”, todo o seu misticismo e histórias são marginalizadas, criando uma versão única, um estereótipo, difundida como verdadeira através dos tempos.

Todavia, ainda há esperanças. Essa ideologia está presente em nós, pois é propagada pelo senso comum. Assim, o primeiro passo para superá-la foi romper a barreira da ignorância e entrar em contato com o candomblé. Para nós, isso ocorreu por meio da ONHB, mais precisamente através de uma pintura de Carybé: “A festa de Oxalá”. A pesquisa e a compreensão de mitos e histórias



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

tão diversas quanto as sobre os deuses gregos e suas sandices já envolve esse processo.

Dessa maneira, penar, refletir e criticar são fundamentais. A África tem muito a nos encontrar e ensinar. Existe mais África em nós do que se imagina. Portanto, liberte a África que há em você. Que Ogum nos defenda (ALUNO Y).

A produção textual do aluno X se intitula “Raiz Sufocada” e a produção do aluno Y se intitula “Educação e resistência africana: a cor dos orixás”. Como se vê, os alunos discutem de maneira crítica a respeito do negro e a religião. Cabe assinalar que estes são apenas alguns exemplos de textos produzidos.

A prática pedagógica foi desenvolvida durante a Semana da Consciência Negra. Cabe assinalar que o Dia da Consciência Negra é uma data celebrada no Brasil no dia 20 de novembro. As aulas aconteceram entre os dias 16 e 20 de novembro de 2015 no IFES.

Há textos que possibilitam leituras polissêmicas, podendo proporcionar em nós, leitores, diferentes sensações e interpretações. É possível interpretar um texto desde um olhar micro (simplório, buscando uma compreensão rápida e lógica) ou macro (explorando as diversas possibilidades semânticas). O aluno pode e deve apropriar-se do texto literário e recombina os elementos criados pelo escritor. A pós-modernidade, especialmente, tende a desconstruir a figura do autor como aquele que simplesmente impõe significados. Mais que leitores, os alunos são coprodutores do texto e, cômicos de que a linguagem opera através de nós, eles tendem a tornar autênticas outras vozes e outros mundos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. Vários escritos, 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras escolhidas; v. 1).

BHABHA, Homi K. “A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo”. In: _____. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura)

Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1).

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Trad. R. Corbvisier e M. Pinto Coleho. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 98-100.

OSAKABE, H.; FREDERICO, E. Y. *Literatura. Orientações curriculares do ensino médio*. Brasília: MEC/ SEB/ DPPEM, 2004

RUI, Manuel. *Eu e o Outro – “O Invasor ou Em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto”*. In MEDINA, Cremilda. *Sonha Mamana África*. São Paulo: Epopéia, 1987.